ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

Flávia Janiaski*

Mariane Rodrigues**

Thiago Oliveira***

Navegando em um Mar Revolto Chamado Sala de Aula:

Processo de Mediação Teatral nas Escolas Públicas do Mato Grosso do Sul.

Navigating a Turbulent Sea Called the Classroom:

Theatrical Mediation Process in Public Schools in Mato Grosso do Sul.

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar propostas de mediação teatral criadas pela Esboço Caótico Cia. de Teatro e Pesquisa Cênica, que foram desenvolvidas para uma ação antes, durante e depois do espetáculo teatral para crianças 'Os Botões das Camisas e das Rosas'. A pesquisa busca analisar esse processo de mediação realizado nas Escolas Públicas do Mato Grosso do Sul em 2024, levando em consideração a experiência que os mediadores tiveram durante todas as etapas desse processo. Ao relacionar a escola com a comunidade nasceu a ideia de investigar a mediação teatral levando esse processo para dentro dos muros das escolas, refletindo esse ambiente como um espaço múltiplo que possibilita contato com as artes e promove ações culturais. Do mesmo modo, pretende-se analisar e discorrer sobre a formação de plateia nas escolas públicas, que em sua maioria não proporcionam o contato das crianças com a fruição e mediação teatral.

Palavras-Chave: Mediação teatral; Formação de espectador; Escolas públicas;

ABSTRACT

This essay aims to present proposals for theatrical mediation created by Esboço Caótico Cia. de Teatro e pesquisa cênica which were developed for an action before, during and after the play for children 'Os Botões das Camisas e das Rosas'. The research seeks to analyze this mediation process carried out in the Public Schools of Mato Grosso do Sul in 2024, considering the experience that the mediators had during all stages of this process. By relating the school to the community, the idea was born to investigate theatrical mediation by taking this process inside the walls of the schools, reflecting this environment as a multiple space that allows contact with the arts and promotes cultural actions. Likewise, it intends to analyze and discuss the formation of audiences in public schools, most of which do not provide children with opportunities to experience and engage with theater or theatrical mediation.

Keywords: Theatrical mediation; Spectator training; Public schools;

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

Escolhendo o Mar

O contato de uma pessoa com a arte pode acontecer de infinitas maneiras, esse fazer é amplo e está presente de diferentes formas na vida das pessoas, seja no designer de um produto, na decoração de espaços, em um grafite na rua, na televisão, internet, rádio, espaços públicos, ou até mesmo em um jingle para ajudar nas vendas de um comércio local; todas estas formas de artes, assim como infinitas outras, estão presentes no dia a dia de todas as pessoas. Mas, a Arte também está presente de forma institucionalizada na vida das pessoas, através da escola.

A Arte na escola está dividida em quatro linguagens - artes visuais, dança, música e teatro - e sua obrigatoriedade, para toda a educação básica nas instituições públicas e privadas de ensino, foi determinada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, lei nº 9.394/96) e instituída, primeiramente pelos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN´s (1997, 1998 e 2000) e atualmente pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2020). Ainda que na prática, as aulas de arte, são em sua maioria, focadas somente nas artes visuais, uma vez que grande parte dos docentes da educação básica possuem formação nesta área, é direito do estudante e obrigação do governo garantir a todos a aprendizagem teatral, musical e da dança. Por isso, a importância de levar o teatro para dentro do espaço escolar.

Ao falar sobre a prática teatral no âmbito escolar, precisamos levar em conta alguns desafios enfrentados pelos(as) professores(as) de Arte: talvez o principal deles seja a falta de profissionais formados em teatro (ou em artes cênicas) que atuam nestes espaços. Outro fator importante é que o contato, conhecimento e acesso que os estudantes, especialmente da rede pública de ensino, possuem com essas manifestações são restritos ou nulos.

Desta maneira, a mediação teatral pode ser uma alternativa metodológica, que apresenta múltiplas possibilidades de ação e é capaz de aproximar os estudantes e a comunidade local do teatro, através da fruição e

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

da produção. Pois, para muitos estudantes, a escola é o primeiro (por vezes o único) local que elas terão contato com a linguagem teatral, logo é importante oportunizar o acesso nesses espaços para que façam parte desde a primeira infância, sobre isso Mafra Gagliardi argumenta:

> O papel iniciático da escola cara-a-cara com o teatro é fundamental desde a primeira fase, porque somente a escola pode fornecer os primeiros elementos desta arte e pode ofertar para todas as crianças, sem distinção, a oportunidade de uma aproximação da experiência teatral, abstraindo suas diferenças socioculturais e econômicas. (Gagliardi apud Oliveira, 2011, p. 171)

A escola então, como instituição em que se encontram pluralidades de ser e existir, é um local favorável para se ter o primeiro contato com a prática teatral e quiçá despertar o interesse pelas artes em alguma criança. Nela há este espaço/tempo que inclui as pessoas e o seu entorno, toda e qualquer ação que é realizada na escola tem o potencial de reverberar por toda a comunidade que a cerca, mobilizando mais pessoas para ser público e conhecer o teatro.

O teatro dentro da escola, seja através de uma apresentação, mas principalmente enquanto componente curricular tem um interessante efeito na estrutura escolar uma vez que ele desorganiza um modelo arcaico que temos como herança do século XVIII. Ou seja, em sua maioria, os demais componentes do currículo repetem didáticas e metodologias que não priorizam a experiência, são organizadas em torno de técnicas de aprendizado.

Por sua vez, o fazer teatral está organizado a partir do experienciar e da estética, das sensações e do trabalho em grupo, da experiência simbólica a partir do objeto estético que se torna experiência concreta a partir das percepções e da construção artística, tendo como resultado a construção de conhecimento.

Um elemento grandioso que a prática teatral carrega consigo é a troca momentânea do "aqui e agora" entre os atores e o público. É nessa relação em

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

que o olhar de quem assiste está atento e pronto para prestigiar o espetáculo.

Ainda assim, a relação com a obra pode nem sempre ser compreendida de primeiro momento, a familiaridade que o público tem com o tema e elementos do espetáculo influencia nessa troca, podendo ocasionar certo estranhamento com o que é desconhecido, e possivelmente, afastamento entre o espetáculo e o público. É a partir desta relação entre obra e espectador que reside a importância da mediação teatral, que aqui entendemos como:

> [...] um processo artístico-pedagógico que interliga o público e a obra teatral, possibilitando o acesso e a formação das pessoas, como espectadores autônomos, capazes de observar, criticar e se transformar, a partir da vivência da obra de arte [...]. Trata-se de uma metodologia que pressupõe diversas atividades, antes, durante e depois de as pessoas assistirem a um espetáculo, criando uma oportunidade de aprendizagem criativa, sensível e reflexiva, da obra cênica (Oliveira, 2011, p. 32).

Ou seja, são processos ou atividades que garantam uma mobilização, sensibilização e preparação antes da apreciação do espetáculo, para que possa acontecer o encontro e a apropriação dos signos teatrais e da temática durante a apresentação, assim como uma internalização e reverberação após a fruição teatral.

Nesse sentido, é importante investir para que essa ação de mediação também alcance os alunos nas escolas, possibilitando-os uma troca, familiaridade e olhar diferente para o espetáculo. Proporcionando o acesso físico com a formação de plateia através de ações que levem o público até o espaço teatral; como também propiciando o acesso simbólico/linguístico com a formação de espectador por meio de ações que permitam maior compreensão do público em relação à obra.

Pensando na importância deste acesso é que o grupo propôs o projeto de mediação teatral que discutimos neste artigo. Para tanto, será partilhado a construção e vivências da mediação teatral do espetáculo para crianças 'Os Botões das Camisas e das Rosas', realizado nos meses de maio e junho de 2024,

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

com a circulação da peça em seis cidades do Mato Grosso do Sul. Do mesmo modo busca-se trazer como exemplo, refletir e discorrer sobre os efeitos desse processo de mediação nas escolas públicas.

Escolhendo o barco

"Para tão longe navegar e o mar desbravar,
é importante escolher bem o quê irá te levar"
Mariane Rodrigues

Não existe uma receita para a mediação teatral, ela pode ser planejada e aplicada de diversas formas, e é mais interessante desenvolvê-la através dos elementos e características da obra que será mediada. Para isso, é importante conseguir identificar quais são os objetivos dessa ação, em seguida, o que será trabalhado e de que forma isso acontecerá.

No entanto, é importante dizer que todas as atividades realizadas antes e depois da fruição do espetáculo acontecem de forma independentes, ou seja, nenhuma ação será garantia de que os objetivos desejados pelo grupo através da encenação serão alcançados, uma vez que o público, especialmente professores e estudantes, possuem autonomia para estabelecer e criar suas próprias experiências a partir de tudo que foi proposto e vivenciado.

O espetáculo mediado abordou como tema central a ideia de finitude a partir da perda e da morte, sendo um parâmetro para os mediadores de quais caminhos poderiam seguir em suas buscas para a construção do material.

Durante o processo de curadoria do que seria proposto, surgiram algumas problemáticas sobre o assunto: Como falar da morte com crianças? Quais as palavras certas? Como refletir sobre a morte respeitando as múltiplas crenças religiosas presentes na sala de aula? Após um levantamento de ideias iniciais - algumas descartadas, outras recicladas - o grupo decidiu que o trabalho partiria da ideia de ciclos, ou seja, tudo tem um 'começo - meio - fim', mas que se renova. Com um caminho escolhido, foi pensado em jogos e ações

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

para o "antes do espetáculo".

Levando em consideração o tempo da aplicação da mediação, estabeleceu-se o tempo de 30 minutos dentro da sala de aula, e como havia um número reduzido de mediadores, surgiu uma proposta com três ações a serem desenvolvidas:

1ª Ação: consistia em ensinar as crianças um jogo de mão [1] que chamamos de 'sopa paraguaia'[2]. Este jogo foi criado pelo grupo e é realizado no início do espetáculo pelos atores em cena e dialogam com o contexto do espetáculo. Como é realizado em cena pelas personagens, os mediadores pensaram que seria interessante as crianças aprenderem para jogar juntos naquele momento na sala de aula ou também futuramente, brincando uns com os outros dentro e fora da escola. Para tanto, esta ação teve duas partes, primeiro os mediadores ensinaram a música para as crianças e depois o jogo com as mãos, realizado em duplas e em seguida em grupos de quatro pessoas.

2ª Ação: a turma foi dividida em grupos, cada um desses grupos recebeu quebra-cabeças em formato circular, com os desenhos do ciclo da vida, água, rosa e borboleta. A proposta era resolver em equipe, observar e refletir a respeito do que teriam em comum.

3ª Ação: Momento em que foi realizado uma alusão ao personagem da peça, através de uma pequena contação de história, sobre um menino que vivia perdendo várias coisas e um dia acabou perdendo algo muito importante. A intenção dos mediadores, além de suscitar o protagonismo individual, foi familiarizar situações da peça com as vivências das crianças, mas apenas introduzindo o contexto do espetáculo.

Para o "durante o espetáculo" o grupo propiciou a fruição da peça com

[1] Jogo de mão é uma brincadeira para crianças que possui música, dança, rima etc. ex: adoleta, batom e popeye.

[2] Música criada pelo grupo para fazer o jogo de mão: "Sopa paraguaia/ Qual é a sua praia? / Minha praia é ler/ Ler para crescer/ Cima, baixo, roda / Pega um livro pra você!". Durante a peça os atores jogavam 5 vezes, a cada nova rodada era aumentada a velocidade da música e dos movimentos.

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

a possibilidade da participação ativa das crianças através da musicalidade e troca com o público. Em algumas escolas o contato direto na hora do espetáculo aconteceu com troca de diálogos entre o personagem e as crianças que comentavam sobre a peça ou respondiam perguntas feitas pelos personagens.

Notou-se, porém, uma forte repreensão por parte das professoras que acompanhavam as crianças no espetáculo, fazendo '*shhhh*', repreendendo as que queriam interagir com a peça, inclusive em partes engraçadas que o riso acontecia de forma contagiante. Isso ia aos poucos podando a participação dos pequenos.

Em algumas apresentações foi interessante: quando o jogo de mão começava as crianças ficavam animadas e começavam a cantar junto, mas logo se sentiam envergonhadas ou (às vezes) reprimidas e paravam de jogar com os atores. Mas é interessante destacar que após a apresentação, durante a desmontagem os atores puderam ver, em diversas escolas, as crianças jogando 'sopa paraguaia' com os colegas no recreio ou pelo pátio da escola.

O "depois do espetáculo" foi pensado em duas ações: a primeira foi permitir às crianças circularem, ver e manusear os instrumentos musicais e os livros, enfim, que tivessem acesso ao espaço da cena, ao "palco" onde tudo aconteceu e conversassem com os atores, tirassem fotos e fizessem perguntas. Já para segunda ação foi construído um material de apoio para os professores usarem posteriormente como conteúdo em suas aulas.

Para esta ação foram escolhidas três atividades retiradas do livro "Brincadeiras Teatrais" da autora Lelê Ancona. As atividades possuíam relação com o espetáculo, e poderiam ser divididas em diferentes aulas, sendo essas: "Navegando", "Você conta e a gente encena" e "Fazendo um filme".

Propostas de atividades pensadas para o professor trabalhar não só as reverberações sobre o espetáculo apreciado, mas principalmente o fazer teatral em suas aulas. Esse material de apoio foi fruto de uma pesquisa do grupo que resultou em uma sequência de aulas planejadas que foram pensadas, principalmente, para professores formados em Artes Cênicas.

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

Começando a navegar

"A brisa leve bate no rosto, o frio na barriga também.
Já posso imaginar as aventuras que me esperam em alto mar."
Mariane Rodrigues

Nesse processo foram confeccionados materiais e jogos para a prática de mediação, pensando como público-alvo estudantes do Ensino Fundamental I, ou seja, crianças entre 5 e 11 anos. A temática da peça teatral pode ser vista como um assunto delicado e sensível para ser desenvolvido nesta faixa etária. Devido a isso, assim como o espetáculo trabalha com diversos elementos lúdicos e coloridos nas cenas, figurinos e cenários, os mediadores desejavam também aproveitar este recurso.

E foi dessa maneira que as escolhas das etapas foram definidas, desde o jogo de mão acompanhado pela musicalidade e gestos, até o quebra-cabeças com peças ilustrativas e o contar histórias que dava a emoção e estímulo do que estaria por vir.

Além do entusiasmo com as propostas das ações que seriam aplicadas, os mediadores tiveram da mesma forma preocupações para concretizar as propostas de cada etapa desse primeiro momento da mediação. No espetáculo o jogo 'sopa paraguaia' é realizado por quatro pessoas, mas pensando na idade das crianças, foi decidido que seria melhor ensinar uma versão feita em duplas e conforme o desenvolvimento da turma partiria para os grupos - a questão do tempo em sala também foi importante para a decisão de ir aos grupos ou não.

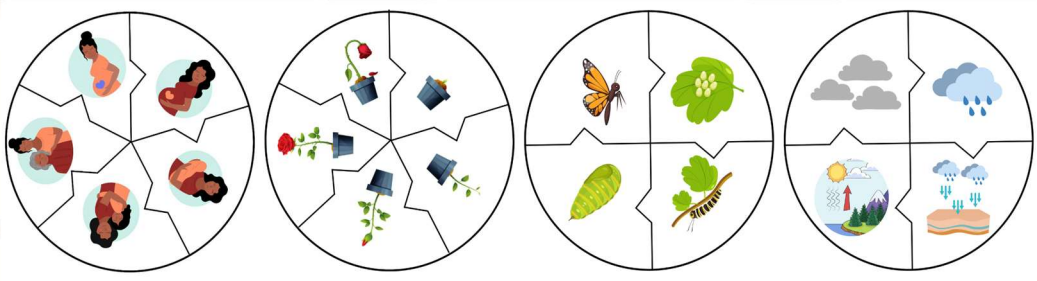
Para o quebra-cabeça, objetivo era não apenas montar as peças na ordem correta, mas refletir sobre aquele ciclo, entender seu funcionamento e poder mais tarde fazer relação com a temática da peça, especialmente o ciclo da vida, que foi o mais difícil de ser montado, uma vez que não queríamos levantar nem uma discussão de gênero, colocando a figura de uma 'família tradicional', como tão pouco retratar a morte através da figura de um túmulo

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

ou caixão, mas sim da ideia de que a vida continua através das novas gerações.

Figura 1 – Imagem dos quebra-cabeças criados para a mediação.



Fonte: Acervo da Esboço Caótico Cia. de Teatro e pesquisa Cênicas, 2024.

Já para a terceira ação do "antes" pensamos em como criar a história sem contar muito o que aconteceria cenicamente, mas instigando as crianças a pensarem em momentos de suas vidas que já passaram por situações semelhantes.

O momento de preparação das ações de mediação, para além da curadoria em que é escolhido o que será desenvolvido, é uma etapa em que os mediadores começam a confeccionar e testar os materiais, com maior noção de como isso pode funcionar de acordo com os objetivos e propostas.

Durante esse período de preparação notamos a importância não apenas de ter pessoas entusiasmadas e dispostas para a realização dessa ação, mas principalmente, pessoas preparadas para realizar a proposta, ter conhecimento de como isso refletirá na ação pedagógica de aprendizado dos estudantes, e que estejam aptos para lidar com os imprevistos que se pode encontrar no ambiente escolar.

Assim, nota-se o quão importante é que ocorra a formação dos mediadores em seus processos. Ninin reforça esse ponto ao destacar que para exercer a função de mediador "não bastava informar sobre o espetáculo ou acompanhar a turma da escola ao teatro, era preciso um planejamento estético e pedagógico materializado nas monitorias de preparação e prolongamento"

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

(Ninin, 2020, p. 96).

Ainda que tudo esteja encaminhado e definido, não basta que os mediadores apenas saibam como aplicar, mas que compreendam as ações que serão realizadas e como elas se conectam com a montagem e objetivo do espetáculo mediado. Mesmo que não seja oficialmente a aplicação da mediação, é uma etapa tão importante quanto a ação em si, pois serve para afunilar e organizar as ideias, pensar nos detalhes e revisar antes que seja feito na prática.

No caso relatado os mediadores, eram em sua maioria integrantes do espetáculo e aqueles que não estavam em cena eram integrantes do grupo de pesquisa ligadas ao grupo de teatro. Visto isso e a importância da preparação dos mediadores, vale destacar que as ações de mediação também podem ser pensadas por professores e/ou outras pessoas que não participam diretamente do espetáculo.

Em um mar revolto

"Ondas fortes me jogam para lá e para cá,
mas firme eu permaneço"
Thiago Oliveira

Importante trazer para este 'mar revolto' que na preparação prévia para a mediação em conjunto com a montagem do espetáculo, foi estipulado o tempo que cada ação levaria, no entanto, por falta de experiência não foi levado em conta o tempo da escola, que é diferente, com aulas organizadas em horários fechados, lanches e recreios.

Desta forma, a mediação foi pensada e realizada pelos atores do espetáculo em conjunto com a produtora/diretora da peça e duas bolsistas de iniciação científica do grupo de pesquisa. Os atores entravam com figurinos e maquiados nas mediações, assim como diretora/produtora (que mesmo fora de

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

cena, compunham o mesmo estilo de figurino), já as bolsistas entravam em sala com roupas do dia a dia.

Entre o tempo de chegar na escola, definir o local em que ocorreria a apresentação, assim como a configuração espacial deste local, escolher quais turmas participariam da mediação, montar o cenário, colocar figurino, fazer maquiagem, lanche e recreio das crianças, a janela temporal para realizar os jogos de mediação acabou ficando pequena. Tudo aconteceu de forma caótica, em que os atores e atrizes precisavam sair no meio do processo de mediação para terminar de se prepararem e apresentarem o espetáculo.

O grupo era composto por 09 pessoas - diretora, 4 atores, 2 musicistas e 2 bolsistas; nos dividimos em dois grupos para realizar as mediações: cada grupo ficava com 2 atores, 1 musicista, 1 bolsista e produtora ou diretora, garantindo desta forma que ao menos duas pessoas estivessem em sala para a segunda e terceira ação do "antes", e um grupo completo na primeira ação.

Na primeira ação, a cantiga 'sopa paraguaia', foi pedido que as crianças se levantassem das suas carteiras e procurassem uma dupla. As duplas foram se formando por afinidades, se alguém acabava sozinho, algum mediador se propunha a fazer junto. Esta ação demandou a maior parte do tempo que tínhamos em sala de aula, uma vez que ensinar a música e as batidas de mão para as crianças era um processo.

Depois que todas já tinham decorado a música e a forma de jogar o bate mãos, todos fizeram ao mesmo tempo, brincando com a crescente velocidade do jogo (cinco velocidades). Vale ressaltar que este jogo sempre levava a sala de aula a loucura com muito barulho, cantoria e risadas. No geral, todas as crianças se sentiam confortáveis e empolgadas em participar.

É essencial destacar que essa primeira parte funcionou como facilitador para o processo de aproximação da obra e dos atores com o público ao transformar as crianças em público "vivenciador", integrando-os ao espetáculo com uma música que aconteceria logo no início do evento teatral, o que levou

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

a uma concentração e participação maior daqueles que já tinham conhecimento do jogo. Sobre esse momento de fruição Oliveira escreve:

> O entendimento do vivenciar deixa de ser apenas a apresentação em si e incorpora os diversos processos que ocorreram no antes do espetáculo e irão se desenrolar no depois do evento, em múltiplas reverberações [...]. No momento de fruir a obra, instala-se no vivenciador um sentido de pertencimento. Ele se vê como parte daquele acontecimento único e como o seu cocriador. É neste pertencimento que mais se amplifica diretamente o impacto da obra. Os variados impactos, na vida de espectadores e artistas, são proporcionais ao vínculo que se estabelece com o espetáculo (Oliveira, 2011, p. 42).

Há então uma aproximação do público com a obra, que reverbera não só no instante do agora, mas que vai ser ecoado durante algum tempo nos corredores das escolas e nas ruas da cidade. Na segunda ação dessa etapa foram usados os quebra-cabeças criados com alguns ciclos existentes na natureza com a finalidade de discutir a renovação da vida de forma lúdica, pois nas escolas os assuntos precisam de muito tato para serem discutidos de maneira que não chegue deturpada aos familiares, podendo ocasionar desavenças entre a comunidade e a instituição.

Antes das peças do quebra-cabeça serem entregues para a montagem, foi levado em consideração os conhecimentos prévios da turma com relação ao assunto, com perguntas direcionadas às crianças de forma a despertar para discussão. A maioria conhecia algum dos ciclos, e conseguiam explicar com as próprias palavras como funcionam, em especial do ciclo da borboleta.

Outras turmas, precisavam ser instigadas com as perguntas dos mediadores e exemplos, para tanto buscamos referências que as crianças, em sua maioria conheciam, como por exemplo o filme “Rei Leão” (1994) da Disney que traz a questão do ciclo da vida. Tentou-se ouvir todas as crianças que

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

desejavam falar, cada uma explicava da sua forma como entendiam estes ciclos e que sentido eles faziam para elas. É curioso observar como as crianças que de primeira vista parecem tímidas e retraídas, quando são oportunizadas ao protagonismo soam bastante eloquentes e participativas.

Figura 2 e 3 – Registros da mediação 'antes do espetáculo'.

Fonte: Acervo do Esboço Caótico Cia. de Teatro e pesquisa Cênicas, 2024.

A terceira e última ação consistiu em contar uma história, com a mesma narrativa da peça. O grupo de mediadores, ao ruminar sobre o assunto, decidiram que não deixariam a discussão ir para a direção de perdas familiares, mas sim sobre coisas e bichinhos de estimação, para evitar que fossem para um lugar obscuro o qual não tivessem preparação para lidar com o emocional das crianças.

Essa ação não aconteceu em todas as escolas, pois o tempo disponível para o grupo era sempre limitado, sem que todos os participantes pudessem interagir. Era o momento em que as crianças teriam maior espaço para

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

dialogar e isso não aconteceu, desfavorecendo a expectativa dos mediadores que tinham o intuito de oportunizar a participação das crianças no processo.

Em relação aos jogos de mediação para o "depois", como dito acima, foi confeccionado uma série de planos de aulas com jogos para os professores, no entanto, não foi possível acompanhar se tais jogos foram ou não realizados, e se foram, como aconteceram, uma vez que as apresentações/mediações aconteceram em cidades diferentes e o grupo não retornou nelas depois para uma avaliação ou conversa com quem participou.

Depois que o mar acalmou

"*Uma aventura em alto mar cheia de surpresas, trocas e muita aprendizagem*"
Mariane Rodrigues

Essa foi a primeira aplicação prática de mediação realizada pelo grupo, ainda que durante certo tempo eles viessem estudando as teorias a respeito do assunto e visto algumas experiências de outras mediações, foi a primeira vez que efetivamente foram realizados os jogos de mediação.

Durante o mar revolto os mediadores foram surpreendidos, mesmo sabendo que tanto o teatro quanto a escola são lugares de planejamento aliado a improvisação, ou seja, era sabido que poderiam ocorrer alguns imprevistos e seriam necessárias estratégias para resolvê-los, no entanto, o 'aqui e agora' da sala de aula, assim como o teatro é composto por pessoas que interagem e modificam os jogos, por vezes de forma muito positiva, por vezes de forma desafiadora.

A gestão do tempo, apesar de planejada, foi um grande um dos maiores desafios. Desta maneira, as etapas da mediação "antes do espetáculo" não foram realizadas como o proposto e esperado, devido à falta de tempo para realizá-las.

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

Por conta dos imprevistos e desafios, os mediadores tiveram uma quebra de expectativa a respeito de como funcionaria essa mediação teatral. No momento de avaliação sobre as atividades realizadas, as impressões foram compartilhadas, e o grupo teve sentimentos conflituosos a respeito dos resultados e objetivos que tinham.

Um dos pontos abordados foi em relação aos signos teatrais: o grupo concluiu que faltou um cuidado durante a preparação e execução da mediação de ensinar de forma mais sistematizada sobre eles, como por exemplo, conversar com as crianças sobre a divisão entre público e plateia que acontece no teatro; sobre a questão do cenário e figurino; a função do programa do espetáculo (que foi distribuído durante as apresentações), entre outros.

As crianças iam percebendo e perguntando sobre esses elementos durante o processo, mas não houve uma preparação específica do grupo para falar a respeito, o aprendizado ia acontecendo de forma tácita e/ou experimental.

Durante as conversas e reflexões foi observado também que as frustrações podem ter surgido a partir das questões de ordem prática que não foram pensadas previamente, mas que tinham relevância no decorrer dos jogos de mediação. As novas ideias de ações que poderiam alcançar as crianças de outra maneira e possuir um carácter mais pedagógico, assim como o desejo de realizar essas novas propostas, talvez tenha sido um fator que despertou certo sentimento de frustração no grupo.

Apesar disso, foi compreendido igualmente pelo grupo que deviam considerar as limitações que eles encontraram no caminho, e as lições que aprenderam da qual por mais que tivessem obtido maior tempo para se prepararem e organizar as ações, ainda assim não sairia tudo como o planejado pois na prática é diferente e cada experiência em uma sala de aula será vivenciada de modo único.

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

Conforme as necessidades que cada ambiente exigia, foi interessante observar o desempenho dos mediadores e atores, em lidar com as situações buscando propostas para as adversidades que surgiram.

Na etapa da mediação "durante o espetáculo", com o grande público que não era o esperado e combinado previamente com a direção das escolas para essas ações[3], os mediadores tiveram que se desdobrar para atender ao máximo possível de salas para realizar a mediação, e da mesma forma, o espetáculo precisava ser adaptado para atender um número grande de crianças, seja em relação ao espaço da cena, projeção vocal, espaço do público etc. Em sua maioria as apresentações foram em quadras, pois era o único espaço que comportava as estruturas do espetáculo e os espectadores.

Figura 4 e 5 - Registros da mediação 'durante o espetáculo'

Fonte: Acervo do Grupo Esboço Caótico Cia. de Teatro e pesquisa Cênicas, 2024.

Ao decorrer das ações, com a diversidade de lugares e escolas, este processo de enfrentar esses acontecimentos, foi ficando mais orgânico, e foi aos

[3] Importante ressaltar que o projeto inicial para as apresentações e mediação era uma média de 100 crianças, ou seja, três salas de aula em cada apresentação, no entanto, ao chegar nas escolas, direções e coordenações solicitam que fizemos as apresentações para a escola inteira, ou seja, variando entre 250 e 400 crianças, e o grupo acaba acolhendo o pedido.

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

poucos se criando estratégias para criar vínculo com a turma em um curto tempo, assim como estabelecer um vínculo com as crianças que estavam assistindo ao espetáculo, mas não haviam participado dos jogos de mediação. Vale ressaltar que a duração da mediação foi diferente de alguns exemplos de sucesso estudados pelo grupo, que em sua maioria eram realizados a longo prazo.

No caso dessa experiência, os mediadores tiveram contato com as crianças uma única vez, antes da apresentação, por volta de 30 a 40 minutos, e neste tempo era preciso realizar as propostas de mediação e criar uma relação com a turma que fosse instigante o suficiente para eles interagirem durante a mediação e apresentação.

É vital que os mediadores compreendam seus papéis nas situações em que o contato com as crianças for de curto tempo, saibam abordá-las ganhando a atenção e confiança delas. De certa forma, os mediadores estavam "invadindo" o espaço e suas rotinas, as crianças sentem e lidam de maneira diferente com as situações, e nem sempre os mediadores terão a recepção que esperam. Saber como acessar os estudantes é importante para obter resultados positivos, é crucial que eles compreendam sua importância e protagonismo nessa ação de mediação.

> Na relação entre as ações e o aluno um dos pontos mais influentes é a valorização do estudante, enquanto voz, corpo, expressão, capaz de mobilizar a escola a partir da sua criatividade e de sua força de comunicação. O fazer artístico, que é a base das ações, leva os alunos à mobilização de sua autonomia, em que sua opinião e sua manifestação artística têm espaço para acontecer. Isto é possível devido à definição de que o aluno é o foco principal das ações e o sujeito central de transformação. Ele é o ponto-chave para que os temas, as idéias estéticas e outros diversos conteúdos que a obra traz possam efetivar-se enquanto ação que está mudando a escola. É com ele, e a partir dele, que as ações saem do espaço reflexivo e entram na ação transformadora" (Oliveira, 2011, p. 165 - 166).

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

Nesse caso, como parte do elenco fazia parte da mediação, ver os atores com figurinos coloridos fomentou a curiosidade e vontade de participar da maioria da turma, por ser algo diferente do que estão acostumados cotidianamente.

Trazemos um exemplo aqui para ilustrar um outro detalhe importante: a faixa etária e a importância de se pensar a mediação de acordo com cada idade. No caso relatado, mediação e peça foram pensados para alunos do Ensino Fundamental I, no entanto, uma escola solicitou para realizar as atividades com o Fundamental II, em uma das turmas, um dos alunos, que era o mais velho da turma, achou a proposta infantil e optou por não participar.

Porém, ao ser iniciada a terceira ação do 'antes do espetáculo' os mediadores decidiram conversar mais abertamente sobre a questão da morte, e logo este aluno, que estava quieto em sua carteira, e não havia participado da primeira e segunda ação, ergueu a cabeça e voltou sua atenção para o que estava acontecendo, pois ele havia passado por uma recente experiência de perda, e se permitiu ouvir e participar junto desse momento com a turma.

Essa experiência nos mostra e comprova a importância da mediação ser pensada nas faixas etárias em que se busca realizar tal ação e no vínculo que precisa ser desenvolvido entre o mediador e a turma.

Na escola as crianças são, em geral, obrigadas a fazerem o que é solicitado, e não instigadas a participar das atividades, mas é importante compreender que talvez nem todas gostem e estejam aptas a experimentar o que está sendo proposto, muitas vezes elas não têm contato prévio com o teatro, ou com a atividade proposta e não desenvolveram ainda o seu gosto estético, e é preciso compreendermos e respeitar esta construção.

Por isso, é relevante não apenas realizar processos prolongados e contínuos que proporcionem criar conexões e trocas, mas também de frisar o protagonismo que cada aluno possui nesses processos. Assim como também, proporcionar a ida das crianças ao espaço teatral para desenvolver seu censo

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

estético e conhecer o fazer teatral, dentro e fora do espaço escolar. Koudela argumenta que:

> Mesmo considerando a praticidade de contar com um espetáculo teatral a ser encenado nas dependências da própria escola, o deslocamento das crianças até o teatro possibilita uma experiência estética ímpar por causa do contato com os elementos fundamentais que compõem o espetáculo. Ir ao teatro possibilita a professores e alunos conhecer todo o aparato técnico do teatro. Visitas guiadas aos bastidores têm como objetivo desvendar sua função para os alunos. Bilheteria, leitura do programa, cenografia, refletores, bambulinas, coxias, camarins, mesa de som, mesa de luz, entre outros, podem ser demonstrados para as classes que vêm ao teatro (Koudela, 2009. p. 17).

Por mais que levar o teatro para escola seja uma prática enriquecedora para as crianças, levar as crianças para o edifício teatral é uma maneira de expandir essa experiência individual durante todo o passeio. Com as "visitas guiadas" aos bastidores, como menciona Koudela, as crianças têm uma oportunidade única para conhecerem e explorarem outros elementos que compõem um espetáculo de teatro, ficando livres para explorar os espaços de um edifício teatral.

Estas duas práticas combinadas – o teatro na escola e a escola no teatro – é uma maneira rica de experimentar o fruir artístico, conhecer os signos teatrais, e desenvolver o gosto estético dos pequenos.

Lições de uma aventura em alto mar

"*Apenas aqueles que não se permitem viver,*
não possuem histórias para compartilhar"
Mariane Rodrigues

Navegar nesse mar revolto foi um desafio e tanto de muita aprendizagem para os mediadores, é um trabalho minucioso do qual cada etapa é importante. A experiência é única não apenas para as crianças, mas

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

também para os mediadores que aprenderam com cada ação. Apesar da insegurança de trabalhar pela primeira vez com mediação teatral, foi possível entender o quão importante é desenvolver os jogos de mediação na escola, mesmo que sejam apenas pequenas iniciativas, pois existem inúmeras e variadas formas de realizar a mediação teatral (na escola e fora dela), sobre isso Desgranges aponta alguns exemplos de como as ações podem acontecer:

> Assim, podemos considerar facilitação do acesso físico iniciativas como: promoção e barateamento dos ingressos; ampla circulação das produções culturais pelos veículos de comunicação; campanhas publicitárias; a difusão das produções por regiões geográfica e socialmente afastadas; disponibilização adequada de transportes; construção de centros culturais na periferia das cidades; segurança pública, garantindo o ir e vir dos espectadores; entre tantos outros. O acesso lingüístico, como o próprio termo sugere, opera nos terrenos da linguagem. E trata não apenas da promoção, do estímulo, mas especialmente da constituição do percurso relacional do espectador com a cena teatral, da conquista de sua autonomia crítica e criativa" (Desgranges, 2008, p. 76).

É relevante o olhar de valorização nas mediações, por mais simples que possa ser considerada a ação escolhida, é necessário reconhecer também essas abordagens. O que de fato vai caracterizá-la como uma formação de plateia ou espectador serão os objetivos que os mediadores possuem para realizar essas ações.

O tempo no teatro é diferente do tempo na escola, por isso o espetáculo teatral dentro do ambiente escolar, especialmente acompanhado de jogos de mediação provocam um intervalo no tempo/espaço do cotidiano escolar, levando os estudantes e professores(as), assim como toda a escola a reorganizar o espaço e horários, vivenciando um outro tempo/espaço que acolhe a criatividade e a imaginação dentro de um mundo de possibilidades.

Importante ressaltar, que reside aí a importância de financiamento público, pois os projetos fomentados por meio desses financiamentos tendem a

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

facilitar o acesso a Arte para distintas partes da sociedade, inclusive fazendo com que o teatro chegue nas escolas e comunidades.

Não basta apenas criar espetáculos, mas também certificar de que o máximo de pessoas sejam contempladas, as manifestações artísticas precisam sair das salas de espetáculos e alcançar os bairros periféricos e a população como um todo.

Outro ponto que estas práticas trouxeram ao grupo foi despertar a vontade de aprofundar os estudos sobre medição e pensá-la como uma proposta de abordagem metodológica para o ensino de teatro na escola através da investigação teórica e em futuros projetos para formação de público.

Ver a participação ativa das crianças durante os jogos e depois durante a apresentação, proporcionou notar e vivenciar o poder que a linguagem teatral possui e como ela atinge as pessoas. Foi possível mensurar o entusiasmo das crianças a partir da interação, perguntas e comentários, além do estado de euforia delas.

São nessas ações e trocas com o público que realmente nota-se esse alcance, e é por isso que a mediação se faz tão importante como conexão entre a obra e o espectador. Quem está assistindo deve se sentir participante e pertencente, e apesar da separação entre palco e plateia da cena, as crianças precisam saber que fazem parte deste momento de comunhão artística e que sua energia, emoções e reações têm impacto direto com o que está acontecendo em cena.

ISSN 2358-6060

DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

Figura 6 e 7 - Registros da mediação 'depois do espetáculo'

Fonte: Acervo do Grupo Esboço Caótico Cia. de Teatro e pesquisa Cênicas, 2024.

Pensar na expansão dessa formação não é um pensamento recente, mas ainda assim uma ação que não é valorizada com tanta frequência como deveria. Tendo em vista de que nem sempre os envolvidos nos projetos de mediação consigam estar presentes após o encerramento de suas ações, no âmbito escolar, é interessante pensar na formação dos professores para serem mediadores.

Os professores também podem ser agentes e fomentar essa ação nas escolas dando continuidade nos trabalhos já iniciados. Os benefícios são múltiplos para os estudantes, permitindo suas formações e aproximação com as peças teatrais e suas composições. Ao estarem ligados com essas ações, consequentemente as crianças alcançam também suas famílias e a comunidade local.

> A mediação, portanto, proporciona processos de ensino-aprendizagem da linguagem cênica em contato com estéticas teatrais, possibilitando ao público escolar aproximar-se da diversidade de manifestações culturais além de envolvê-lo em uma dinâmica mais participativa e criativa, integrando-o ao circuito cultural da cidade (Ninin, 2020, p. 31).

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

A mediação pode ser um processo a longo prazo que trabalha constantemente em parceria com diversos espetáculos e ações artísticas locais e nacionais, para isso os(as) professores(as) de Arte podem começar essas iniciativas e compartilhar com os professores das demais áreas. Pois a mediação, além de preparar os indivíduos para a fruição e apreciação artística, tem o potencial de ampliar a leitura que as crianças fazem do mundo, não só de forma estética, mas também de forma a construir novos conhecimentos.

Os desafios são muitos e quem sabe exijam que o professor se desdobre para realizar essas ações, mas sempre que puderem é interessante agregar, pois a Arte está presente em tudo e a mediação, é um ótimo caminho para a construção de um letramento artístico que pode reverberar para o conhecimento de diversas disciplinas curriculares, através da interdisciplinaridade.

A apreciação artística está diretamente ligada a sensibilidade e a questões simbólicas, culturais e sociais do apreciador, e à medida que as crianças e professores vão dominando a linguagem e símbolos teatrais, o 'gostar' de teatro passa para um novo lugar, pois ninguém gosta daquilo que não conhece.

O acesso (ou não) a uma obra artística, aqui falamos especialmente do teatro, estará intrinsecamente ligado à relação de prazer (ou não) que a criança irá estabelecer no ato de apreciar as possíveis leituras que pode fazer desta obra.

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

REFERÊNCIAS

Periódicos

DESGRANGES, Flávio. Mediação teatral: anotações sobre o projeto formação de público. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, UDESC, v. 1, n. 10, 75p. - 83p., dez. 2008.

Teses e dissertações:

NININ, Roberta Cristina. **A práxis do mediador: os jogos de mediação teatral na formação do professor de teatro.** São Paulo: Programa de pós-graduação em teatro/ Universidade de São Paulo - USP, 2020, 341p. Tese (Doutorado em Teatro).

OLIVEIRA, Ney Wendell Cunha. **A mediação teatral na formação de público:** o projeto Cuida Bem de Mim na Bahia e as experiências artístico-pedagógicas nas instituições culturais do Québec. Programa de Pós-gradução em Artes Cênicas/Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2011. 230 p. Tese (Doutorado em Artes Cênicas)

Documento eletrônico:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Terceira versão revista. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base. Acesso em: 21 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2010.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **A ida ao Teatro.** Disponível em: https://culturacurriculo.fde.sp.gov.br/Administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf. 2009. Consultado em agosto/2024.

* **Flávia Janiaski** Doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com período sanduíche em University of Massachusetts Boston (UMASS) nos Estados Unidos. Mestrado em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Graduação em Educação Artística – Habilitação em Artes Cênicas. Profa. Associada da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) no Curso de Licenciatura

ISSN 2358-6060 DOI: https://doi.org/10.5216/ac.v11i2.81964

e Bacharelado em Artes Cênicas. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Mestrado Profissional da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista Produtividade CPNQ. Diretora do grupo de pesquisa Esboço Caótico Cia. de Teatro e Pesquisa Cênica. flaviajaniaski@ufgd.edu.br

** **Mariane Rodrigues** Graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com habilitação em Licenciatura. Arte-educadora na rede municipal de ensino. Pesquisadora integrante do grupo Esboço Caótico Cia. de Teatro e Pesquisa Cênica. Atua nos campos da produção cultural e criação cênica, desenvolvendo práticas artísticas vinculadas à cultura de rua, às relações étnico-raciais e de gênero. marianerodriguesufgd@gmail.com

*** **Thiago Oliveira** Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atua como arte-educador nas redes públicas de ensino do estado de Mato Grosso do Sul. Integra os coletivos Grupo de Teatro e Pesquisa Cênica Esboço Caótico e Cia. Mato Elétrico, desenvolvendo pesquisas e práticas no campo das artes da cena. thiagoms_oliveira@hotmail.com.